

## PREÂMBULO

### O EDUCAR PELA CURIOSIDADE E CRIATIVIDADE

A criança tem que ser acolhida, aceita como ela é e a partir daí sejam criadas oportunidades, vínculos, interações, para que ela se desenvolva como protagonista de sua educação, eis o proposto por Maria Montessori, célebre pedagoga italiana. O processo educacional se inicia dentro da criança, sendo o educador e o ambiente os facilitadores, lembrando sempre que os ritmos das crianças são diferentes dos adultos. Elas não se acham aprisionadas ou condicionadas, como os adultos o são, às amarras e filtros sociais, dentre esses a preocupação com a reputação, os convencionalismos muitas vezes superficiais.

Educação vem de “ex ducere” ou seja, o trabalhar, o acolher de dentro para fora. Rodear a criança de oportunidades, torna-la protagonista de sua história, de sua biografia, de seus ritmos que não são os nossos, para que elas criem, se aprofundem, vivam suas etapas infantis, através da curiosidade, do silêncio, da vivência da beleza e do fascínio pela natureza.

Necessário, pois, despertar curiosidade, mobilizar descobertas, trabalhar a motivação, a imaginação, a admiração, a criatividade, isso antes de “disciplinar”, embora trabalhando sempre a criança dentro das normas essenciais de convivência, limites, orientação sobre os efeitos de nossas ações. O aprendizado pela inventividade, pela interioridade, a interação, o compartilhamento, o desenvolvimento da imaginação, sensibilidade, o fascínio ante a natureza e o universo.

Uma educação voltada para se (aprender a) pensar, interagir, encantar-se com o mundo à volta, inventar, descobrir e compreender a realidade, trabalhar a solidariedade, o sentimento, o compartilhamento. Eis o primeiro passo para o conhecimento, pois a curiosidade é transcendente, é a senha para o conhecimento, assim afirmavam os antigos pensadores gregos.

A superestimulação, a excessiva exposição à informação e atividades, hoje presentes no ambiente infantil, acabam por anestesiar e empobrecer a atenção das crianças. A exposição a filmes, celulares, tablets, computadores conduz a criança a distúrbios de atenção e a eventuais transtornos de aprendizagem. Atribui-se a Hipócrates o lema “Primum no nocere” (“o primeiro passo é não causar dano”) ou seja a saturação, a hiperatividade ou, ao contrário, a passividade, a dispersividade, não se estranhando situações de violência, bullying, vandalismo, drogas lamentavelmente hoje verificadas. Expostas a vertiginosas experiências – que não lhes respeitam o ritmo natural – exposição a videogames, escolarização precoce, inibindo-lhes a curiosidade, a inventividade, a observação e formulação de hipóteses e referências.

Temos nos preocupado com a ministração de uma educação mecanicista, utilitarista, voltada para o mercado de trabalho, como se o ser humano fosse programável, ajustável, automatizável. teledirigido e condicionado a regras laboriais e negociais afins ao mundo dos adultos, portanto totalmente desassociadas do ritmo natural infantil.

Segundo S. Tomás de Aquino, há duas maneiras de se obter conhecimento: a) pela invenção, descoberta ou experiência; b) pela disciplina e aprendizagem.

A criança é – ou deveria sê-lo – protagonista ativa de sua aprendizagem, assim motivada pela curiosidade, inventividade, vontade de explorar, o encanto pela autorrealização. A imaginação, a capacidade criadora devem ser estimuladas, via brincadeiras e atividades desafiadoras, que facultam o desenvolvimento do pensamento criativo. Pessoas entediadas, às quais faltam a capacidade de invenção, da descoberta do mistério, tornam-se conformadas ou ansiosas, quando não irresponsáveis. Não se pode compactuar, em termos de formação, com falta de limites e o consumismo incontrolado.

## Vocorocas em Morro do Ferro

Nada menos que 70 campos de futebol. Com essa extensão, as vocorocas enchem de buracos profundos boa parte do mapa de Morro do Ferro, distrito de Oliveira.

Num dossiê completo publicado pelo Sabores & Saberes, preceitos ambientais, geológicos e históricos se misturam a uma lenda compartilhada por moradores da região. Tudo para explicar o fenômeno.

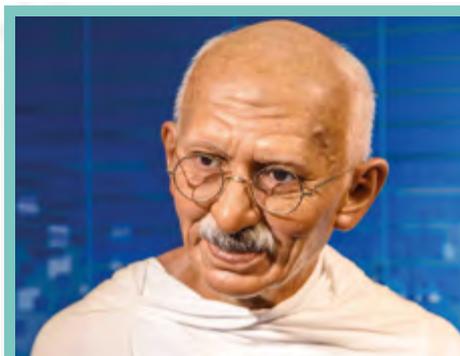
Pág. 04

## Salas de aula, mestres e tradições da educação em Resende Costa

Quem foram Francisco Florêncio Alves, Francisco Rangel, Dona Ilidia Alves de Mesquita e Dona “Mariquinha da Escola Régia”? A pergunta não é tão simples de responder. Mas é fato apontar: todos foram personagens essenciais no desenvolvimento da Educação em Resende Costa.

Conheça essa história.

Pág. 08



### MAHATMA GANDHI: 70 anos de morte do líder indiano

“A política, sem princípios; o prazer, sem compromisso; a riqueza, sem trabalho; a sabedoria, sem caráter”. Essa foi parte da resposta de Mahatma Gandhi a um suposto indagador sobre os “fatores que destroem a humanidade”. Em matéria especial, lembramos a história e os ensinamentos do pacifista.

Pág. 10

# ADIVINHAS

- 1- O que o fósforo falou para o fogão?
- 2- Qual é o cúmulo da higiene mental?
- 3- O que o polvo disse para o filhinho?
- 4- O que a escola de samba foi fazer na biblioteca?

1- Por sua causa perdi a cabeça; 2- Lavar a alma; 3- "Da a mão, dá mão, dá a mão..."; 4- "Lê, lê, lê, lê, lê, lê".  
Respostas:

## Provérbios e Adágios

- Do couro é que se tira a correia;
- Praga de padre dura cem anos;
- O rabo revela a raposa;
- O homem jovem conhece as regras, mas o homem mais velho conhece as exceções (Proverbio inglês);

### Para refletir

- No fundo, sabemos que o outro lado do medo é a liberdade (Marilyn Ferguson)
- Nada do que vivemos tem sentido se não tocarmos o coração das pessoas (Cora Coralina)
- Tudo o que estamos buscando, também está nos buscando. O todo ou partes aparentemente perdidas acham-se reunidas no universo da Psique e compõem o Sonhado, o Sagrado e é nesse universo onde semeamos, giramos, nos multiplicamos (Clarissa Estés)
- Grandes paixões são tão raras quanto obras primas (Balzac)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira e Mariane Carla Fonseca.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Leticia Stefany dos Santos Santiago

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Leticia Stefany dos Santos Santiago

## AO PÉ DA FOGUEIRA O CONCERTO DO SOFÁ

Motorista profissional, embora jovem, tinha família para criar, esposa e filhos pequenos, o que lhe exigia longas maratonas, País afora, na boleia de um caminhão, no volante de um utilitário ou veículos de menor porte.

Vida agitada, o batente ao largo da semana, por vezes virando a noite, viu-se envolto em dificuldades – problemas de saúde, uma certa queda pela bebida, instabilidade emocional, penúria financeira – “fruto das extravagâncias”, diziam alguns.

- Decerto, algum encosto, alguma carga daquelas bravas, afirmavam outros. E sugeriam-lhe: - Por que você não faz uma benção com D<sup>a</sup> Aninha?

Dona Aninha, vamos assim nomeá-la, era uma senhora, mãe de numerosa prole, vários netos sob a sua guarda, católica convicta, moradora pelos lados do Cerrado, conhecida benzeadeira. Uma pessoa de trato afável, sempre sorridente, que como tantas outras benzeadeiras, abdicavam de seus próprios afazeres, movimentando forças, preces e processos terapêuticos a bem do próximo. Em sua humilde residência ou mesmo na rua era demandada por muitos moradores e mesmo pessoas de outras localidades, em busca de solução para dores de toda sorte, quebrantos, maus olhados etc.

Amigos do motorista conduzem-no, certo dia, à residência da senhora. Havia, por outro lado, na cidade um rapaz que se especializara em marcenaria e estofaria – confecção e restauração de sofás, mobílias, bancos para veículos e outros tipos de móveis. Prestava serviços à comunidade, tendo dentre seus clientes a senhora benzeadeira. Tinha lá o moço uma certa semelhança física, em particular os cabelos levemente grisalhos, com o nosso motorista.

A sensitiva atendeu-o bem, iniciando-se o ritual. De posse de ramos de ervas bentas, olhos cerrados, quase em transe, realiza inúmeras gesticulações, “coreografias” ao longo do corpo do motorista, esclarecendo que o mesmo achava-se envolto por energias pesadas, negativas e por ela ali dissolvidas. Lá pelo meio, abre ela os olhos – todos ali em torno respeitosos, silenciosos – confundindo o atendido com o restaurador de móveis, suspende a cerimônia e pergunta-lhe na bucha:

- Você já consertou meu sofá?! Para de me enrolar...

(Apesar da equivocada “cobrança”, o motorista melhorou sensivelmente, passando a ter vida normalizada, saúde e negócios ajustados).



### NOTA:

*Benzedores, curandeiros, fazedores de simpatias – apesar de discriminados pela ciência oficial e mesmo religiões e suas atividades confundidas como “crendices”, “superstições” ou até mesmo “feitico” – sempre foram pessoas benfazejas, agindo pelo sentimento caritativo de servir, utilizando-se da fé e da boa vontade a favor do próximo. Muito úteis em especial às camadas mais simples, pobres, ou geralmente sem acesso à medicina.*

*Segundo alguns estudiosos e religiosos, todos somos susceptíveis de receber influências e “energias” tóxicas, provindas de baixas emanações humanas como o ódio, a inveja, a cobiça e que nos afetam o sistema psicofísico. Daí os denominados “mau olhado”, “quebranto” etc. As benções seriam/são processos que “limpam” as áreas ou matrizes etereofísicas enfermigas, colaborando assim na solução ou cura de vários problemas de sofrimento e aflição.*

*O uso de ervas (arruda, palha benta, pimenteira brava), gesticulações, objetos que servem de catalizadores, acumuladores ou imantadores das energias, fluidos ou forças viciadas – funcionam, na verdade, como os “fios terra” que canalizam e descarregam a carga tóxica mental, psíquica e/ou física retiradas do paciente.*

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



# REGISTRO DE EX-COMBATENTE OSMAR GOMES

Nasceu na fazenda Rio do Peixe  
Município de Resende Costa, MG.  
Cresceu na Fazenda da Grama  
Município de Bom Sucesso onde fez seus primeiros estudos.

Aos 17 anos apresentou-se voluntário no 11º Regimento de Infantaria de S. João Dei Rei. Onde fez cursos e ao dar baixa era 3º sargento.

Na 2a. guerra mundial foi convocado e integrou a Força Expedicionária Brasileira, FEB. Transcrevemos aqui trechos de seu roteiro militar na Itália. (datas e locais).

- A 20 de Setembro de 1944, saímos de Capistrano, Vila Militar - Rio de Janeiro, com destino ao Cais do Porto, onde embarcamos no navio General Meiker.

- A 22 de Setembro partimos com destino a Europa.

- A 6 de Outubro avistamos a histórica cidade de Nápolis.

- A 8 de Outubro desembarcamos do navio e tomamos barcas

- A 11 de Outubro desembarcamos, tomamos caminhões que nos conduziram ao acampamento em S. Roçore.

- A 18 de Novembro realizamos uma manobra preparatória.

- A 27 de Novembro saímos de Fietole para o Monte Castelo afim de tornar parte no ataque, passamos por Pistoia e Porreta.

- A 28 de Novembro partimos para o ataque entrando em posição em Guanela.

- A 12 de Janeiro de 1945 sai de Casacia para uma casa-mato, onde a 29, as 3 hs. da madrugada fiz em meu posto 4 prisioneiros alemães

- A 15 de Março, nosso Pelotão teve a missão de reconhecer a região de La Banaca, onde fomos recebidos com um forte bombardeio de morteiros causadores da morte do cabo Eutrópio e ferimentos em 2 soldados.

- A 14 de Abril saímos de Le Bane às 4 hs da manhã, às 10 hs foi iniciada a barragem geral e às 12 hs atingimos o 1º objetivo, às 5 hs o 2º objetivo e às 6 hs o objetivo final; fizemos 29 prisioneiros e entramos em posição no Morro de Barra Vento. Havíamos tomado o morro de Montese e Bufone.

- A 23 de Abril saímos em nova perseguição, libertamos a cidade de Marano onde fomos recebidos pelos moradores com flores, beijos, abraços e muito, muito vinho.

- Terminada a guerra visitei cidades famosas: Veneza, cidade sobre o mar. - Em Roma vi o Castelo de Sant-Angelo, Museu do Vaticano, Catedral S. Pietro. Recebi a bênção do Papa. Fui a Nápolis. Pompéia e outras.

- A 4 de Setembro saímos de Nápolis de regresso ao Brasil, onde chegamos em 17 de Setembro.

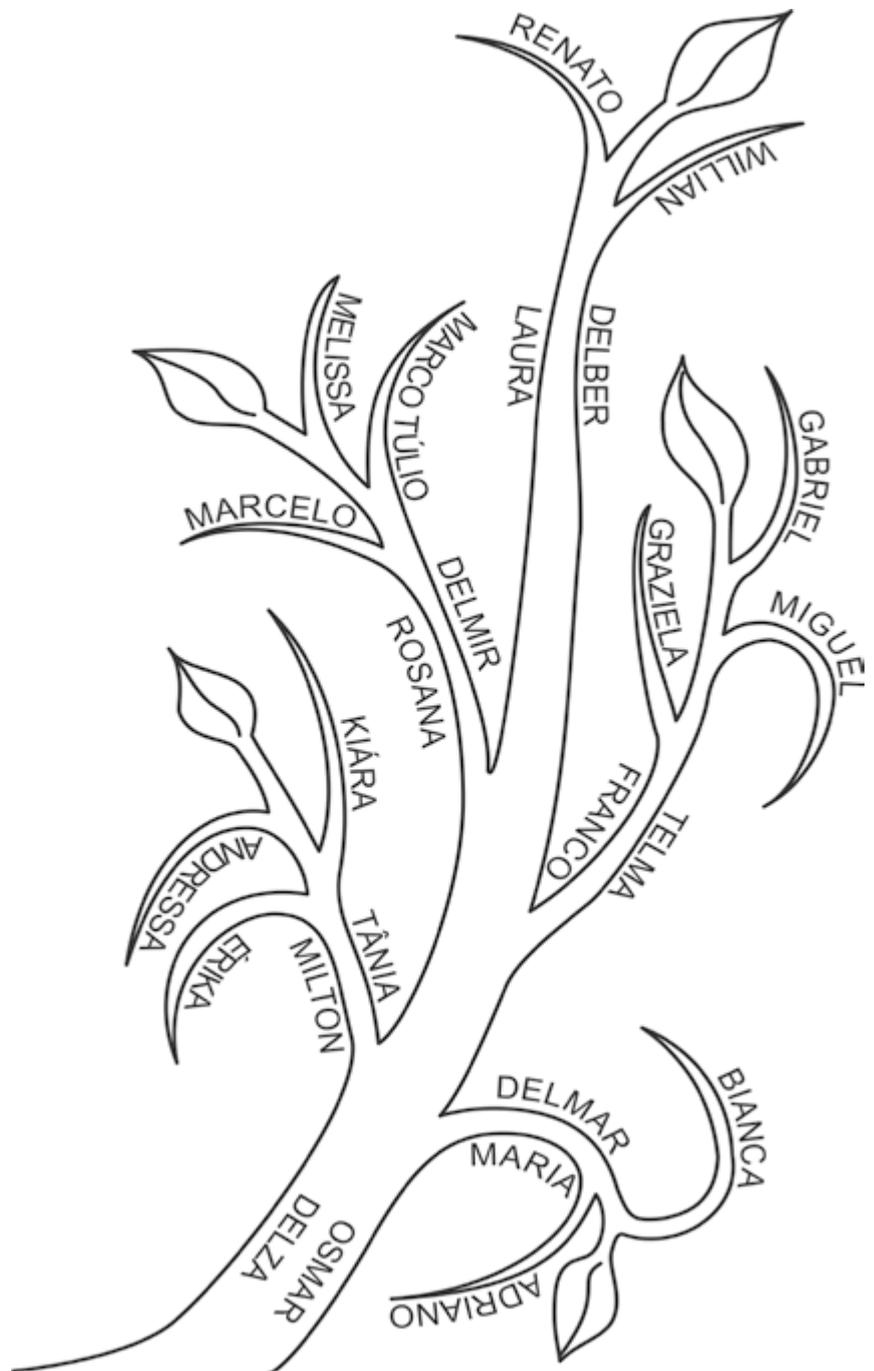
- Foram 348 dias envolvidos com a guerra da data do embarque até o desembarque.

## DEDICATÓRIA ESCRITA JÁ NO BRASIL:

- Certamente não fugirão das nossas lembranças os fantasmas desta dolorosa guerra, mas tudo passou... Voltei cantando sob a abençoada bandeira brasileira que levamos aos campos de luta da Itália. Podem descansar vendo novamente junto de vocês o mano que soube ser brasileiro e sentiu-se feliz de ser Expedicionário.

Osmar 28/12/1945.

Abaixo a árvore genealógica da Família Oliveira Gomes  
Ramificação de Osmar



# Inventário Ambiental: Voçorocas de Morro do Ferro

IEPHA		INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL- IPAC/MG			
PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS			FORMAS DE EXPRESSÃO		
<b>01 IDENTIFICAÇÃO</b>					
<b>Denominação</b>		Lenda das Voçorocas		<b>IPAC/MG</b>	<b>01</b>
<b>Município (s)</b>		Oliveira/MG	<b>Distrito</b>		Morro do Ferro
<b>Endereço</b>		Entorno do Distrito de Morro do Ferro			
<b>GPS</b>	Indicação de localização do GPS		Long. UTM 544.473	Long. UTM 7.702.892	



Figura1  
Fonte: Acervo Diversus Ambiente e Cultura.

<b>Categoria</b>		Formas de Expressão			
<b>Tipologia da Atividade</b>		Lendas			
<b>Periodicidade</b>		Contínua			
<b>02 ÁREA DE ABRANGÊNCIA</b>					
Comunidade	<input checked="" type="checkbox"/>	Região	<input type="checkbox"/>	Município	<input type="checkbox"/>
<b>Observação</b>		Expressão de abrangência local.			

<b>03 HISTÓRICO DO LUGAR</b>					
<p>No antigo povoado de São João Batista, aí na “Serra do Sal, Picada de Goiáses”, atual Morro do Ferro – distrito do município de Oliveira, foi erigida capela, filial da igreja de São José, dedicada a São João Batista por iniciativa de Bartolomeu da Silveira Machado e José Muniz Falcão, conforme provisão de 24 de janeiro de 1765. Segundo Waldemar de Almeida Barbosa, “a provisão foi renovada a 3 de setembro de 1768 e o patrimônio foi constituído em 1781, quando se tornou capela pública e começou a formar-se o arraial de São João Batista. (Con. Trindade, op.cit)”. A capela original, improvisada, era coberta de sapé. Mas logo uma outra estruturada em alvenaria de pedra substituiu a primeira. A pequena igreja, seguindo modelo em estilo Barroco foi abençoada pelo padre João da Silva Tavares. Diferentemente do historiador citado, o informativo paroquial “Jornal Alto da Serra” de junho de 2015 menciona a data da provisão como sendo em 1763 e a referida bênção de padre João dois anos depois, ou seja, no dia 24 de janeiro de 1765.</p> <p>De todo modo, importa-se saber que a Igreja de São João Batista possui aproximadamente 250 anos.</p> <p>O surgimento de Morro do Ferro, portanto, vincula-se aos bandeirantes que por ali transitaram em direção aos sertões de Minas e Goiás procurando ouro e outras especiarias em meados do século XVIII. De acordo com Ildeano Sebastião Silva, o primeiro nome da região era Serra do Sal. Aos poucos, o lugarejo passou a ser chamado de São João Batista, referindo-se ao seu padroeiro. O decreto-lei Nº 1058, de 31 de dezembro de 1943, mudou a antiga denominação de São João Batista para Morro do Ferro por causa das jazidas</p>					

de minério de ferro na serra conhecida como dos Alemães.

Do ponto de vista administrativo, o distrito foi criado por resolução da Câmara Municipal de Oliveira, aprovada pela lei provincial Nº239, de 30 de novembro de 1842. Foi o distrito elevado a freguesia com a lei Nº 1784, de 22 de setembro de 1871.

#### 04 CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR

O distrito de Morro do Ferro pertence ao município de Oliveira, localizado na mesorregião Centro-Oeste de Minas. Fica a cerca de 180 km de Belo Horizonte, com acesso pela Rodovia Fernão Dias (BR 381) até o trevo para a cidade de São João Del Rei, na Rodovia BR494. Daí até a sede do distrito, às margens desta rodovia, são apenas 25km. O distrito fica pouco mais de 30 km de Oliveira, sede do município e da microrregião de mesmo nome.

Morro do Ferro está cercada por buracos enormes. O fenômeno geológico é conhecido como voçoroca. Os enormes buracos estão muito próximos das casas e ameaçam até mesmo o acesso ao cemitério do distrito. Segundo a Universidade Federal de Lavras, a região de Morro do Ferro tem o solo muito propício à atividade erosiva, principalmente nas proximidades dos vales dos rios e encostas dos morros, onde há muito acúmulo de água. As voçorocas de Morro do Ferro atingem 1.000 metros de comprimento, por 610 metros de largura e 40 de profundidade. A área destruída equivale a 70 campos de futebol.

#### 05 DESCRIÇÃO

A origem da lenda das voçorocas já se perdeu no tempo. Para Dona Darci Gonzaga de Andrade, 77 anos, educadora aposentada, nem mesmo seus pais e avós tinham conhecimento de quando começou essa história. O certo é que ela foi transmitida de geração em geração e hoje ainda se mantém viva na memória de alguns moradores do distrito, principalmente os mais velhos. Além disso, a lenda das voçorocas foi registrada no livro "História de Oliveira", de autoria de Luiz Gonzaga da Fonseca. Entretanto, a versão contada por Dona Darci e aquela registrada no livro são um pouco diferentes, o que é natural por se tratar do registro, no caso da publicação, de uma tradição oralmente transmitida de uma geração para outra. Por exemplo, enquanto na versão contada pela entrevistada a lenda se refere ao surgimento das voçorocas, no livro fala-se do fenômeno como boçorocas. Segue, pois, a lenda das voçorocas relatada nas duas situações.

Segundo Dona Darci, reza a lenda que não existia vigário permanente no distrito de Morro do Ferro e raramente eram celebradas missas na igreja do arraial de São João Batista, antigo nome do distrito. Por esse tempo, o acesso à Oliveira era feito por um caminho muito precário que obrigava as pessoas a atravessar o rio Jacaré quatro vezes. Isso porque, em determinado ponto do caminho, o rio Jacaré fazia uns meandros no lugar chamado de quatro pontes, pois existiam nesse local quatro pontes muito próximas para se fazer a travessia do rio e seguir o caminho para Oliveira. Além disso, quando aconteciam as enchentes, no período das águas, ninguém passava pelo local.

Por sua vez, os moradores de Morro do Ferro nunca tinham assistido a uma missa do galo, celebrada no Natal à meia-noite. Foi combinado com o vigário de Oliveira para vir celebrar a missa do galo pela primeira vez no distrito. Tal acontecimento fez com que os seus moradores entrassem em festa. Eles enfeitaram as ruas com bandeirinhas, plantaram bananeiras, fizeram arcos de bambu. Tudo foi preparado pelos moradores com muito entusiasmo e alegria, pois seria a primeira missa do galo a ser celebrada no distrito de Morro do Ferro.

No horário do padre chegar para a celebração da missa, os moradores foram para a igreja para recepcioná-lo. Mas, após muita espera, o padre não apareceu, o que gerou grande frustração entre os presentes. Revoltado, um certo coronel, que era o "chefão" e "mandão" do lugar à época, disse que quando o padre aparecesse iria mandar dar nele uma boa surra, por ele não ter cumprido com o prometido. Como em volta da antiga capela havia várias palmeiras, o coronel disse que iria mandar amarrá-lo numa das palmeiras para dar-lhe uma coça e ele aprender a ser correto. Dona Darci Gonzaga de Andrade ainda informou outro detalhe: 'o padre era trigueiro', o que significava que o vigário era negro.

O padre só foi chegar ao romper do dia, por volta das sete horas da manhã. Quando ele e o sacristão iam chegando a cavalo, não faltou alguém para avisá-lo sobre os acontecimentos e a surra que iriam dar nele. O padre não deu ouvidos ao aviso e foi para a porta da igreja onde desceu do animal. Apeou com elegância, embora suado e sujo, e foi para o altar onde disse que iria celebrar a missa da meia-noite àquela hora. Mas, antes, iria justificar a razão pela qual não conseguiu chegar no horário combinado. O motivo foi a enchente no lugar que todos conheciam muito bem como 'as quatro pontes'.

As cheias impediram a travessia do rio. Ele e o sacristão tiveram, então, que passar a noite no maior tormento, com frio e com fome, esperando que as águas abajassem para que eles pudessem atravessar o rio a cavalo. Por isso os dois não conseguiram chegar a tempo, mas já sabia da notícia de que ele seria espancado. Mesmo assim, celebraria primeiro a missa do galo e depois eles poderiam fazer com ele o que achassem que deveriam fazer. Diante disso, foi aquele cochicho geral entre o povo do lugarejo. Todo mundo ficou preocupado.

Quando terminou a missa, o padre disse que poderiam dar nele a surra conforme o prometido. Mas que ficassem todos sabendo de dois detalhes: primeiro, o lugar iria terminar em barrancos, voçorocas; segundo, as palmeiras ao redor da igreja iriam morrer. Segundo conta a lenda, que Dona Darci Gonzaga de Andrade disse ser muito anterior ao tempo de seus pais e avós, no dia seguinte as palmeiras começaram a morrer. E as voçorocas estão infernizando a vida da comunidade até hoje, a ponto de atualmente Morro do Ferro ter se tornado uma ilha cercada de buracos.

Dona Darci Gonzaga de Andrade ainda disse que muitos trabalhos foram feitos no decorrer dos anos para contornar a situação. Inclusive pelo seu sogro, que era um ambientalista nato. Ele começou a plantar bambu, piteira e foi cercando as voçorocas com essas plantas. Por exemplo, na entrada de Oliveira já não se distingue as voçorocas porque o sogro teve esse cuidado. E próximo ao cemitério de Morro do Ferro, se ele não tivesse feito esse trabalho, não teria mais passagem, pois as voçorocas teriam tomado tudo. Enfim, Dona Darci Gonzaga de Andrade disse que foi essa a história que ouviu contar pelos seus pais e avós.

Todavia, Dona Darci também falou sobre outras razões que explicariam o surgimento do fenômeno. A causa que ela considera mais correta é aquela que atribui o aparecimento das voçorocas à exploração do ouro de aluvião na região, que teve início com os bandeirantes que passaram pelo local a caminho de Ouro Preto e Goiás, o que fez com que a região de Morro do Ferro fosse conhecida inicialmente com o nome de 'Picada de Goiás'. Os bandeirantes utilizavam os rios e as elevações maiores como marcos para se orientarem pelo caminho. Em Morro do Ferro, por exemplo, fica a Serra da Bandeira, a maior elevação do município de Oliveira. Dona Darci acredita que os primeiros bandeirantes tentaram escavar um pouco o terreno em busca do ouro. Como a terra da região é muito argilosa, para ela está aí a origem dos primeiros barrancos na região.

Por outro lado, Dona Darci disse também que há quem afirme que foram os valos que causaram o aparecimento das voçorocas em Morro do Ferro. O valo é um tipo de buraco que era construído antigamente pelos fazendeiros para marcar a divisa de suas propriedades com as dos outros fazendeiros. Do mesmo modo, Dona Darci ressaltou que no distrito de Morro do Ferro alguns fazendeiros também utilizavam os muros de pedra para dividir os terrenos, construídos pelos escravos. Mas, na hipótese dos valos, Dona Darci afirma não acreditar, argumentando que na divisa de seu terreno existe um pequeno valo que se conservou sem provocar qualquer dano ao terreno. Além disso, as voçorocas estão localizadas nas beiras dos pequenos córregos, donde a entrevistada relaciona as voçorocas com as tentativas de procurar o ouro na região. Entretanto, Dona Darci finaliza dizendo que, para muitos, as voçorocas são mesmo é praga de padre.

Já a lenda que foi registrada no livro 'História de Oliveira', de autoria de Luiz Gonzaga da Fonseca, publicado em 1961, apresenta uma versão um pouco diferente. Começa mencionando que há mais de cem anos atrás, o vigário de Oliveira, cônego Meireles de Barros, reverendo trigueiro, recebeu o convite para celebrar a missa do galo no lugarejo de São João Batista. Como Oliveira não podia ficar sem a missa, o padre decidiu que celebraria a missa às 10h da manhã. Tudo combinado, começaram os preparativos para as festividades, incluindo uma recepção calorosa ao cônego.

Na manhã do grande dia, o arraial estava todo em festa à espera do vigário. A rua varrida e enfeitada, banda de música, foguetes e repique de sinos. Quando no alto do morro estourasse dois foguetes, era a senha da aproximação do padre. Então, a população, entre música, repiques de sinos e flores, receberia o vigário à entrada do lugarejo e o conduziria em procissão à Matriz para a celebração litúrgica. Naquele tempo, duas alas de coqueiros formavam uma extensa alameda que conduzia à igreja no alto do morro. Mas, as horas foram passando e nada do padre. O povo do lugar foi se inquietando. Para alguns, era o mau tempo, pois Morro do Ferro amanhecera sob um forte aguaceiro. Para outros, maledicentes, poderiam ser as mais variadas razões para a demora do vigário, menos por causa da forte chuva. Era essa também a opinião do cel. Arnaldo quem possuía a maior fortuna do lugarejo. Dominador, na roda com outros fazendeiros, disse que se o negro não chegasse até ao meio-dia, iriam amarrá-lo a um dos coqueiros para uma boa sova. No caso, o negro era o padre. O que era um sacrilégio para aqueles tempos de grande religiosidade. A notícia correu de boca em boca. As mulheres se benziavam. O que? Dar uma surra no padre? Era um desafio à divindade.

De súbito, dois foguetes estouraram no alto do morro. Era o padre chegando, cavalgando um animal, acompanhado por um guia também a cavalo. O aguaceiro que caiu na madrugada o detivera no Fradiques. Tivera que esperar muito, até que as águas abajassem um pouco, conseguindo, a muito custo, passar com o guia pela pinguela, enquanto os animais atravessaram a enchente a nado. E, com o vigário à frente, todos rumaram para dentro da igreja. Estranhando o excesso de zelo, cônego Barros insistiu para saber o que se passava e soube de tudo. Gritou do altar que aquele sacrilégio iria acabar em miséria e o lugar haveria de acabar comido de buracos, as boçorocas. E partiu do lugarejo.

À tarde do mesmo dia, murcharam as palmas do coqueiro para o qual apontara o coronel quando dissera aquele sacrilégio. E, em pouco tempo, todas as palmeiras morreram, uma a uma. E, em volta do lugarejo, foram aparecendo os esbarrancados vermelhos, a ponto de o pacato lugar ficar tomado por numerosos abismos. São as boçorocas que hoje se vêm por todos os lados.

## 06 FORMAS DE TRANSMISSÃO

**Origem do Saber** Sem referência, a Lenda das Voçorocas são repassados de geração para geração.

**Transmissão** Com versões um pouco diferentes, a Lenda das Voçorocas é transmitida oralmente entre os moradores e por meio do livro 'História de Oliveira', de autoria de Luiz Gonzaga da Fonseca, publicado em 1961.

## 07 ELEMENTOS RELACIONADOS

Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD. IPAC
Igreja Matriz de São João Batista	Bem associado	Bem imóvel	Arquitetura	

## 08 COMENTÁRIOS

"Segundo a lenda, porque eu não presenciei, nem meus pais, nem meus avós..."

"Quando terminou a missa, ele (o padre) falou: Pois é, então fiquem vocês sabendo.

Podem me bater, podem me dar a surra conforme o prometido. Mas tem dois detalhes que eu vou deixar para a Paróquia. Primeiro, esse lugar vai terminar em barrancos, voçorocas. E as palmeiras vão morrer..."

"E as voçorocas estão aí infernizando a nossa comunidade, que hoje é uma ilha cercada de voçorocas"

"Agora tem várias razões. Tem geólogos aqui, muitos já me procuraram. Uns atribuem, que eu acho a causa mais correta, eu acho que deve ser essa. Aqui existia o ouro de aluvião. Sabe o que é o ouro de aluvião? É o ouro mais na superfície, o ouro mais escuro e eles bateavam..."

"Que aqui passaram os primeiros bandeirantes. Aqui, o primeiro nome era Picada de Goiás. Os bandeirantes passavam por aqui, pra Ouro Preto, pra Goiás, procurando o caminho. Eles geralmente procuravam os rios como marcos, porque se não eles se perdiam. Ou alguma elevação maior. Nós temos aqui uma serra chamada da Bandeira, que é a mais alta do município de Oliveira. Então, eram os marcos que eles iam deixando. E, talvez, eles tenham tentado escavar um pouco e a terra era muito argilosa!

Por aí foram os barrancos surgindo"

"Falamos que é valo, mas eu não acredito não, porque na divisa do terreno que eu tenho, tem um pequeno valo. Mas ele não provocaria não, porque até uma certa parte ele conservou. Então, é mais beirando os corregoziños que existem as voçorocas. Onde eu deduzo que tenha sido realmente a tentativa de procurar ouro. Outros falam que foi a praga do padre, né?!"

Dona Darci Gonzaga de Andrade

## 09 AÇÃO DE SALVAGUARDA

Difundir a Lenda das Voçorocas por meio do Programa de Educação Patrimonial

## 10 ENTREVISTADOS

01	Nome	Darci Gonzaga de Andrade	Tipo	Moradora			
<b>Nascimento</b>	30/09/1938	<b>Sexo</b>	F	<b>Idade</b>	77	<b>Registro Sonoro visual</b>	Não

### Descrição

Por quase quarenta anos, Dona Darci Gonzaga de Andrade trabalhou como educadora na

Escola Estadual São João Batista, localizada no distrito de Morro do Ferro, município de Oliveira/MG. Na instituição exerceu vários cargos. Começou como professora e depois exerceu as funções de orientadora, vice-diretora e diretora da escola. Atualmente está aposentada.

Contato (37) 3332-6062

02	Nome	Alessandra Cristina Casimiro Silveira	Tipo	Moradora			
<b>Nascimento</b>	18/11/1971	<b>Sexo</b>	F	<b>Idade</b>	44	<b>Registro Sonoro Visual</b>	Não

### Descrição

Alessandra Cristina Casimiro Silveira é presidente do Apostolado da Oração de Morro do Ferro. No distrito, são aproximadamente 300 integrantes que se reúnem todas às primeiras sextas-feiras para a missa dedicada ao Coração de Jesus. Nas quintas-feiras, véspera das primeiras sextas-feiras, realizam-se as reuniões mensais para o balanço das ações realizadas e o planejamento das atividades para o mês que se inicia. O Apostolado da Oração desenvolve todo o trabalho social da igreja na comunidade. Em novembro de 2014, comemorou-se o centenário de sua fundação em Morro do Ferro.

<b>Contato</b>		(37) 3332-6062					
<b>03</b>	<b>Nome</b>	Padre Jailson Salvador da Silva				<b>Tipo</b>	Padre/Pároco
<b>Nascimento</b>	09/06/1976	<b>Sexo</b>	M	<b>Idade</b>	39	<b>Registro Sonoro Visual</b>	Não
<b>Descrição</b> O padre Jailson Salvador da Silva é o pároco da Matriz de São João Batista.							
<b>Contato</b>		(37) 9956-1473 / E-mail: padrejailson@hotmail.com					
<b>04</b>	<b>Nome</b>	Bispo Dom Miguel Angelo Freitas Ribeiro				<b>Tipo</b>	Bispo
<b>Nascimento</b>	26/11/1958	<b>Sexo</b>	M	<b>Idade</b>	57	<b>Registro Sonoro Visual</b>	Não
<b>Descrição</b> Dom Miguel Angelo Freitas Ribeiro é bispo da Diocese de Oliveira. Ordenado sacerdote em 1986, sua nomeação episcopal se deu em 31 de março de 2001.							
<b>Contato</b>		(37) 3331-1986 (curia) / E-mail: dioceseoliveira@yahoo.com.br					
<b>11</b>	<b>DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA</b>						
							
<p align="center"><i>Figura 2:</i> <i>Fonte: Acervo Diversus Ambiente e Cultura.</i></p>				<p align="center"><i>Figura 3:</i> <i>Fonte: Acervo Diversus Ambiente e Cultura</i></p>			
<b>12</b>	<b>DOCUMENTOS ANEXOS</b>						
Fotografias	<p>Figura 1: Morro do Ferro 136, Ricardo Álvares, 24jun15.          Figura 2: Morro do Ferro 137, Ricardo Álvares, 24jun15.          Figura 3: Morro do Ferro 139, Ricardo Álvares, 24jun15.</p>						
<b>13</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>						
<p>BARBOSA, Waldemar de Almeida. Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada, 1995.          BAETA, Alenice; PILÓ, Henrique. Relatório de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica nas áreas de abrangência do empreendimento de ampliação da mina de minério de ferro "Morro do Ferro" – Vórtice Consultoria Mineral Ltda. Oliveira, 2014, 73p          FONSECA, Luiz Gonzaga da. História de Oliveira. Oliveira, Edição Centenário, 1961.</p>							
<b>14</b>	<b>FICHA TÉCNICA</b>						
<b>Fotos</b>	Ricardo Álvares				<b>Data</b>	24/06/2015	
<b>Levantamento</b>	Marcos Rezende, Ricardo Álvares e Said Félix				<b>Data</b>	24/06/2015	
<b>Elaboração</b>	Marcos Rezende, Ricardo Álvares e Said Félix				<b>Data</b>	20/07/2015	
<b>Revisão</b>	Marcos Rezende				<b>Data</b>	06/08/2015	
<b>15</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>						
Sem observações.							



# A EDUCAÇÃO EM RESENDE COSTA ATÉ INÍCIOS DO SÉCULO XX

Segundo José Maria da Conceição Chaves, a primeira e então única escola da Lage (Resende Costa) em meados do século XIX, datava de 1849, sendo regida, desde sua fundação, pelo professor Francisco Florêncio Alves<sup>(1)</sup>. “*Chamavam-no de Mestre Velho, por ser o primeiro no magistério público da Lage e o mais antigo entre todos que vieram a existir depois de sua inatividade*” (In “*Memórias do Antigo Arraial de Nossa Senhora da Penha de França da Lage, atual cidade de Resende Costa*” Resende Costa/MG, AMIRCO, 2014, pag.54).

Ao se aposentar, Mestre Velho foi sucedido, por volta de 1870, pelo professor Francisco de Assis Fontes Rangel, filho de São João Del-Rei e para tal nomeado “...*que à Lage aportava, sob geral satisfação, porque vinha credenciado por sua conduta retilínea e por sua fama de educador. Assumindo a escola, cuidou o professor Rangel de abrir um internato para alunos do sexo masculino – ideia que teve como imediata seguidora a irmã dona Maria Guilhermina de Jesus Rangel, conhecida preceptora são-joanense, que, por sua vez, fundava outro internato para alunos do sexo oposto. Para esses educandários, afluíram alunos de diversos lugares, pela confiança que os seus dirigentes inspiravam às famílias. De trato lhano, adquiriu o professor Rangel a simpatia geral, a todos edificando por sua vida exemplar*” (op. cit. págs. 54/55).

Outro memorialista, o prof. José Augusto de Rezende, corrobora a mencionada informação: “...*de 1860 a 1870, tendo-se aposentado o primeiro professor da primeira e única escola pública existente na localidade, foi a aludida escola preenchida com a nomeação do professor Francisco Rangel, que, sendo portador de boa conduta e conhecido por bom professor, foi recebido com prazer e confiança*” (“*Livro de Pálidas Reminiscências da Antiga Lage, hoje Vila de Resende Costa*” Resende Costa, AMIRCO, 2010, 2ª ed. p.43) Além de professor, era ele, Francisco Rangel, construtor, como se desprende da seguinte menção: “*Depois, aquela parte (a capelinha do Rosário) foi mais tarde aumentada pela sólida construção de pedras, serviço esse, além de muitos outros, devidos ao inolvidável mestre Francisco Rangel*” (Resende, op. cit. p. 33).

Em 1874, surgiria novo estabelecimento de ensino, fundado e dirigido por Dona Ilídia Alves de Mesquita, “...*de curso primário, destinava-se a alunos do sexo feminino, para o que havia internato e externato*” (id.op. cit. pág. 102) Outro educandário surgiria em 1877, o do professor Pedro Alves de Andrade Neto, filho da educadora Ilídia Alves de

Mesquita, destinado ao sexo masculino. Era o professor Pedro Alves, falecido em 1900, dedicado às artes, sendo exímio músico, bem como homem de teatro, ensinava às crianças e jovens da localidade, além de realizar concertos musicais e recreações de palco. A ele cabe a implantação da primeira corporação musical de Resende Costa. Outras duas escolas existiram, igualmente, à época, estando ativas, por volta de 1879, regidas pelas professoras Albertina Alves Pereira da Rocha e Maria Rosa das Chagas Goulart, (“*Dona Mariquinha da Escola Régia*”).

Em 1880, o vigário Pe. Antônio Correa Lima e o Prof. Rangel criaram o “*Colégio da Lage*”, que teria existência curta. Funcionava em regime de internato e externato, contando as disciplinas ou conteúdos: Curso Primário – leitura, escrita, caligrafia, aritmética elementar, sistema métrico decimal, elementos de geografia, história sagrada e do Brasil; Curso Secundário – português, latim, francês, inglês, geografia, aritmética, retórica, música e história universal.

Outro educandário, o “*Colégio Resende*”, surgiu em 1899, fundado e dirigido pelo professor Francisco das Chagas de Assis Resende, homem cultíssimo, ex-aluno do Colégio Pedro II e que fora ainda aspirante da Escola Naval – daí ter o apelido ou ser melhor conhecido por “*Cadete*”. O prof. Francisco das Chagas era filho do Cel. Francisco Pinto de Assis Resende, grande benemérito da comunidade resendecostense. O Colégio Resende teria, igualmente, existência efêmera. Lá, porém, estudaram grandes vultos da sociedade local-regional e que viriam prestar relevantes serviços à comunidade e ao País<sup>(2)</sup>.

Vários educadores atuaram, outrossim, entre o final do séc. XIX e inícios do séc. XX, merecendo destaque: D<sup>a</sup> Leopoldina Cesarina de Lima (1890/1891); D<sup>a</sup> Ilidia Cândida de Souza (1891/1910); D<sup>a</sup> Dalila da Costa e Silva (1908/1910); D<sup>a</sup> Isolina Rios (1910/1911); D<sup>a</sup> Maria José de Oliveira (1910/1911). Na década de 1880, são mencionados outros educadores, dentre eles: D<sup>a</sup> Maria Josefina da Silva Costa, D<sup>a</sup> Alexandrina Alves Pereira (1883), Prof. Clodoveu Gonçalves Lara, D<sup>a</sup> Marciana Adelaide, D<sup>a</sup> Perciliana Maria da Glória, essas duas últimas, irmãos do Prof. Rangel) e ainda, entre 1897 e 1900, os professores José Epifânio da Silveira Barros, José Augusto de Assis Martins.

Em 1919, há o registro de um curso denominado “*Ateneu Resendi-no*”, fundado e mantido pelo prof. Joaquim da Silva Mourão, de que há poucas informações.

Grupo Escolar “*Assis Resende*” – Em 28 de abril de 1912, pelo

Decreto Estadual nº 3.885, era criado o Grupo Escolar “Assis Resende, homenagem ao ilustre resendecostense Cel. Francisco Pinto de Assis Resende (04/10/1830-30/03/1905) e somente instalado em 21/07/1919, após ingentes esforços para a construção do prédio<sup>(3)</sup> O educandário iniciou com 424 alunos, sendo seu primeiro diretor o prof. José Augusto de Rezende e o corpo docente formado pelas educadoras Matilde Rios, Maria José de Oliveira, Dulce Lara, Flordeliz de Moraes e Adelaide Vale.

#### NOTAS

(1) Segundo alguns historiadores, essa primeira escola fora criada em função do prestígio (pensão/apólices), recursos doados pelo inconfidente José de Resende Costa (filho). Outros discordam, tratando-se, pois, de assunto polêmico.

(2) No Colégio Resende, estudaria Tio Orozino de Souza Maia (14/03/1888-13/04/1977) casado com Tia Inácia de Souza Oliveira (26/04/1898-27/11/1992), irmã de mamãe, aos quais prestamos nossa reverência (JPO).

(3) A história resendecostense registra o inestimável apoio de ilustres cidadãos para a edificação do Grupo Escolar “Assis Resende”, dentre eles o Cel. Francisco Mendes de Rezende, o Cel. João Evangelista de Souza Maia e o construtor Cristóvão Gonçalves Pinto.

## MESTRE LEONARDO FRANÇIA

O prof. Leonardo França foi um dos mais destacados mestres de Resende Costa, no passado, sendo assim reverenciado até os dias atuais.

Conforme extraído das anotações do Sr. Marcos de Oliveira Braga sobre “despesas escolares dos filhos”, tópico/título “S.Thiago”, pág. 33 da Caderneta, deduz-se que o Mestre Leonardo França atuou, como educador, em algumas localidades da região. Concentraria, porém, suas atividades em Resende Costa, onde manteve conceituadíssimo educandário.

Obs. Mestre Leonardo França tem vários descendentes em São Tiago, em especial filhos e netos de seu filho Sinval França.

Antonio de Lara Resende em sua infância fora aluno de Mestre Leonardo França em Resende Costa (Laje) e faz-lhe inúmeras referências em seu livro “Memórias I – do Belo Vale ao Caraça”, Ed. Do Autor, 1970.

“...em princípio de 1902, Leonardo França, depois de dois anos de estudos no Caraça, abriu na Laje sua escola particular, cobrando a mensalidade de três mil réis, isto é três diárias de um operário do tempo. Extremamente rigoroso, fazendo assim progredir os alunos rapidamente, Mestre Leonardo granjeou logo fama de bom professor, embora usando métodos e processos antiquados (...) Frequentei sua escola de 2 de agosto de 1902 até o fim de 1903 (...) eu, com oito anos feitos (...) Nos treze meses que lá estive, incluindo férias, aprendi a ler bem, a escrever corretamente, boa parte da cartilha da doutrina cristã e muito bem as quatro operações de números inteiros (pág. 306, op. cit.).

“Depois de ter estado pouco mais de um ano na escola de Leonardo França, tive ainda dois mestres de primeiras letras: Graciano Gomes Calcado e Eugênio Sampaio” (pág.323).

“...na escola primária daquele tempo, pouquíssimo trabalho se dava para fazer em casa. Tudo se fazia no horário escolar, que, no meu tempo com Mestre Leonardo, era das dez das manhã às duas da tarde. Horário esquisito, mas era assim” (pág.270)

“Terminada naquele dia a minha tarefa de tomar a lição a diversos, chamou-me Mestre Leonardo: venha dar sua lição de catecismo” (pág. 270).

“Mestre Leonardo ensinava a ler, escrever e contar, além de gramática e lições de coisas. Tudo decorado do livro, sem nada tirar

nem por. Nunca lhe ouvi uma explicação sequer sobre qualquer coisa. Marcava a lição. Se era leitura, ensinava-a uma vez ou mandava fazê-la pelo decurião. E pronto. Que o aluno se arranjasse, porque tinha de sair-se bem; sem o que a punição vinha infalível. Prisão ou cópia no duro. Palmatória, ele a tinha dependurada na sala de aula. Mas só uma ou duas vezes a vi por ele usada. O fato é que, em poucos meses, aprendíamos a ler, escrever e contar. Era o debuxo e a cópia para a escrita. Tinha-se que imitar rigorosamente a letra do Mestre. Não usávamos cadernos de caligrafia. Nada mais. Saber contar era saber muito bem as quatro operações de inteiros” (págs. 270/271).

No livro “Memórias do antigo arraial de Nossa Senhora da Penha de França da Lage, atual cidade de Resende Costa: desde os proêmios de sua existência até os dias atuais”, o autor José Maria da Conceição Chaves (1904-1978) R. Costa, AMIRCO, 2014, assim refere-se ao Prof. Leonardo França:

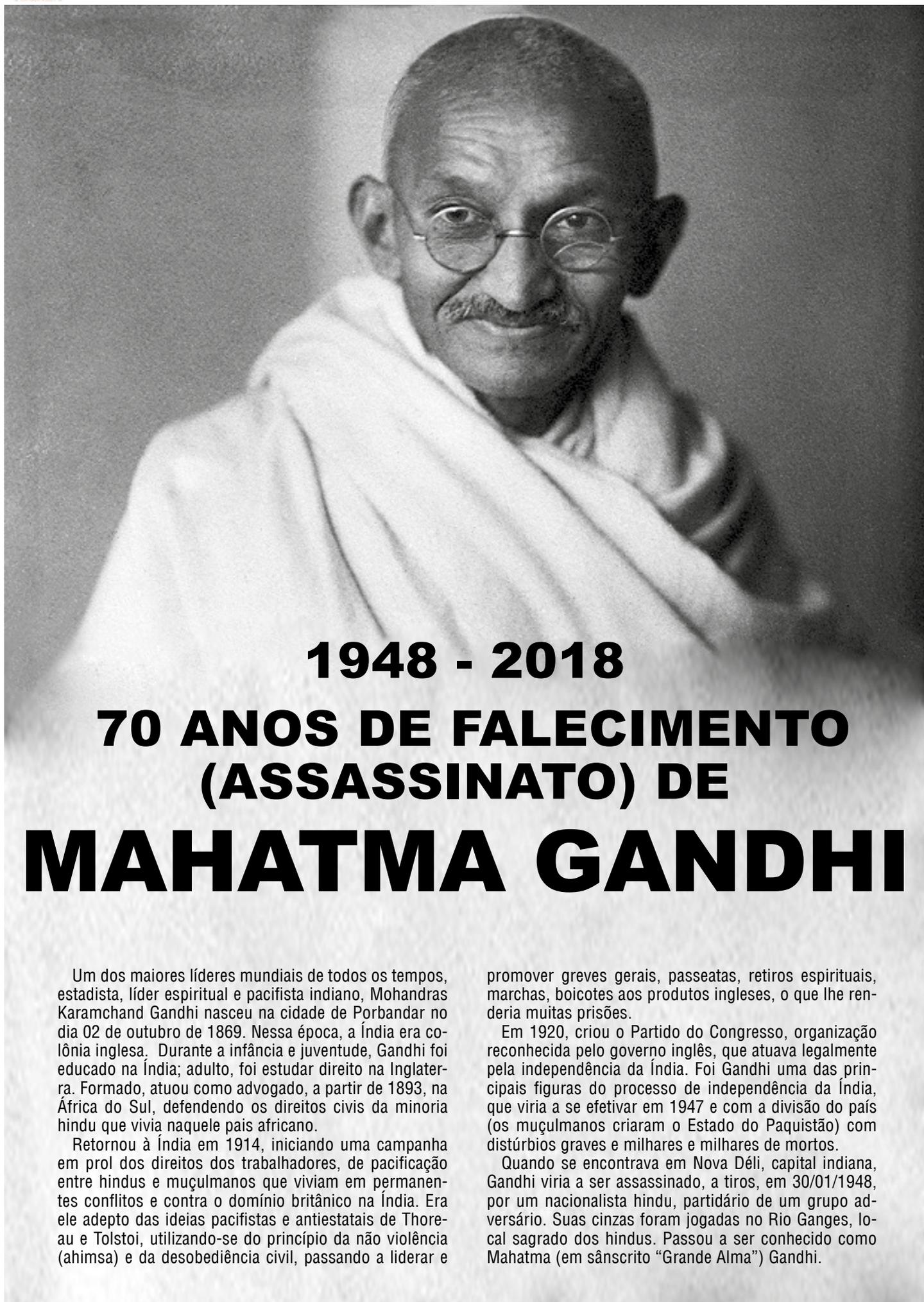
“Já nos fins do arraial, despontava na Lage (...) uma nova escola particular de ensino primário, que muito influenciou na instrução de nossa gente (...) Fundada e dirigida pelo professor Leonardo França, ex-aluno do Caraça, assentava-se a escola num cômodo do andar térreo do próprio domicílio desse respeitável educador – um velho sobrado existente nos Quatro Cantos...

Enérgico, de intuição pedagógica, possuía ele o dom da heurística, e era com facilidade que transmitia a noção das letras aos seus alunos (e ele os tinha em bom número), quer internos ou externos, dos quais fora um deles o autor deste modesto trabalho, que, ao falar de seu bondoso mestre, o faz sob verdadeira emoção, num preito de saudade, gratidão e admiração.

Aos sábados, no remate das aulas semanais, fazia o Professor Leonardo uma preleção que versava, de comum, sobre pontos de religião, moral e civismo, que ele sabia inculcar no ânimo de seus discípulos em linguagem fluente, correta e clara” (págs. 104/105 op. cit).

No mesmo livro, o autor diz “Dona Ilidia de Mesquita e seu filho Pedro Alves de Andrade Neto abraçaram o magistério primário (...) Guilherme e João se transferiram para a vizinha localidade de São Tiago, onde o primeiro também se fez professor das primeiras letras” (pág. 107).





# 1948 - 2018

## 70 ANOS DE FALECIMENTO (ASSASSINATO) DE MAHATMA GANDHI

Um dos maiores líderes mundiais de todos os tempos, estadista, líder espiritual e pacifista indiano, Mohandas Karamchand Gandhi nasceu na cidade de Porbandar no dia 02 de outubro de 1869. Nessa época, a Índia era colônia inglesa. Durante a infância e juventude, Gandhi foi educado na Índia; adulto, foi estudar direito na Inglaterra. Formado, atuou como advogado, a partir de 1893, na África do Sul, defendendo os direitos civis da minoria hindu que vivia naquele país africano.

Retornou à Índia em 1914, iniciando uma campanha em prol dos direitos dos trabalhadores, de pacificação entre hindus e muçulmanos que viviam em permanentes conflitos e contra o domínio britânico na Índia. Era ele adepto das ideias pacifistas e antiestatais de Thoreau e Tolstói, utilizando-se do princípio da não violência (ahimsa) e da desobediência civil, passando a liderar e

promover greves gerais, passeatas, retiros espirituais, marchas, boicotes aos produtos ingleses, o que lhe renderia muitas prisões.

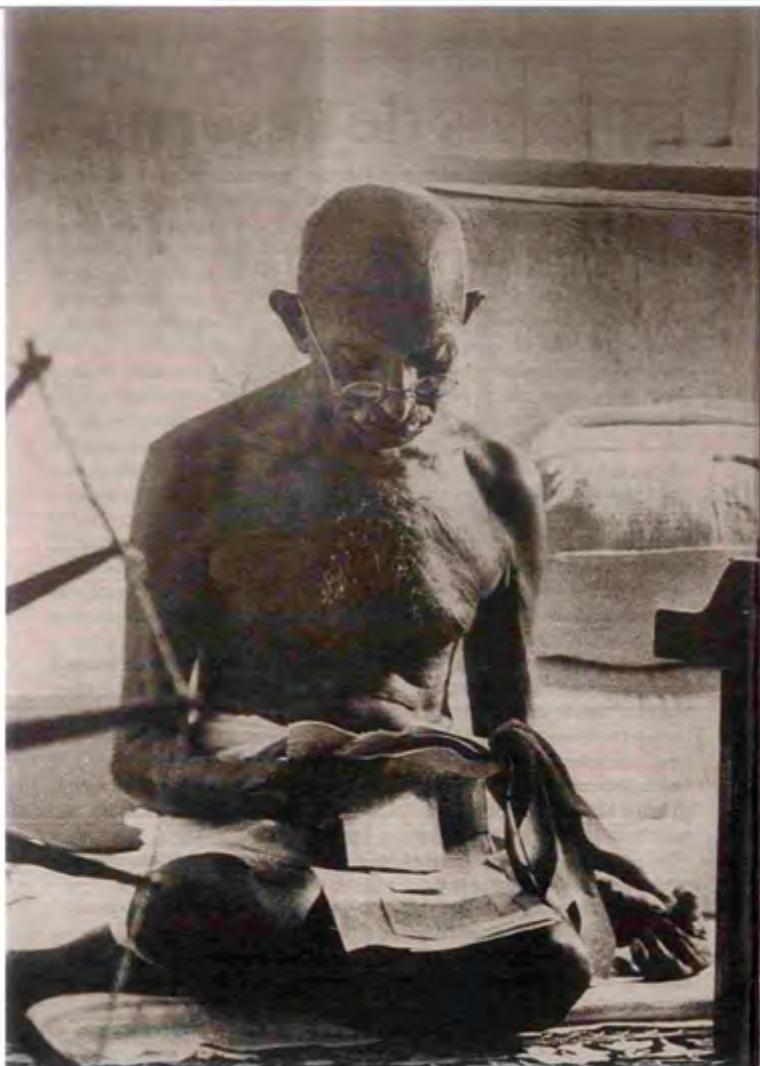
Em 1920, criou o Partido do Congresso, organização reconhecida pelo governo inglês, que atuava legalmente pela independência da Índia. Foi Gandhi uma das principais figuras do processo de independência da Índia, que viria a se efetivar em 1947 e com a divisão do país (os muçulmanos criaram o Estado do Paquistão) com distúrbios graves e milhares e milhares de mortos.

Quando se encontrava em Nova Déli, capital indiana, Gandhi viria a ser assassinado, a tiros, em 30/01/1948, por um nacionalista hindu, partidário de um grupo adversário. Suas cinzas foram jogadas no Rio Ganges, local sagrado dos hindus. Passou a ser conhecido como Mahatma (em sânscrito “Grande Alma”) Gandhi.

## ALGUNS PENSAMENTOS E FRASES DE GANDHI

- De nada vale a liberdade, se não temos a liberdade de errar
  - O mais perfeito ato do ser humano é a paz
  - Minha maior arma é a oração silenciosa
  - Seja a mudança que você quer ver no mundo
  - A força não provém da capacidade física. Provém de uma vontade indomável
- Se eu pudesse deixar algum presente a você, deixaria aceso o sentimento de amar a vida dos seres humanos. A consciência de aprender tudo o que foi ensinado pelo tempo a fora. Lembraria os erros que foram cometidos para que não mais se repetissem. A capacidade de escolher novos rumos. Deixaria para você, se pudesse, o respeito aquilo que é indispensável. Além do pão, o trabalho. Além do trabalho, a ação. E, quando tudo mais faltasse, um segredo: o de buscar no interior de si mesmo a resposta e a força para encontrar a saída.

*Matéria Revista Seleções*



A chegada da amiga fiel era certa.  
Só não se sabia de onde viria...

## O último dia de Gandhi

POR TUSHAR A. GANDHI

MOHANDAS KARAMCHAND GANDHI ACORDOU, como sempre, às 3h30 da madrugada. Era 30 de janeiro de 1948. Apesar do frio cortante, o Mahatma e seu grupo fizeram as orações da manhã na varanda da Casa Birla, em Nova Délhi, onde estavam havia quatro meses.

Mais tarde, ainda pela manhã, Gandhi pediu para ver a correspondência. Entre as cartas a que deveria responder estava a de pésames a um colega que perdera a filha recentemente. "Que consolo posso lhe dar?", escreveu Gandhi. "A morte é uma amiga fiel. É apenas nossa ignorância que nos faz sentir pesar. O espírito de Sulochana existiu ontem, existe hoje e existirá amanhã."

Depois de uma massagem de óleo e um banho, Gandhi, parecendo renovado, começou a implicar com as mulheres de seu grupo por elas terem o físico fraco. Ao saber que uma delas, que deveria ter saído de Nova Délhi naquela manhã, perdera o trem por não encontrar transporte, perguntou-lhe por que não caminhara até a estação. Não estava brincando; esperava que todos os seus seguidores, como ele, resolvessem seus problemas sem confusão. Certa vez, durante uma viagem pelo sul da Índia, quando a gasolina do veículo acabou, ele caminhou



Publicado  
em dezembro  
de 2008

EDIÇÃO ESPECIAL | 53

alegremente 21 quilômetros até a estação de trem mais próxima.

Às 9h30 da manhã, Gandhi fez a primeira refeição. Legumes cozidos, quatro tomates maduros, 300 ml de leite de cabra, quatro laranjas, suco de cenoura e uma decoção (fervura) de gengibre, lima ácida e babosa.

### Um homem angustiado

Pode parecer muito para um homem que comia tão pouco, mas Gandhi ainda estava fraco por causa de um recente jejum. Em 12 de janeiro, seu assessor mais próximo, Sushila Nayar, anunciara, na reunião para a oração da noite - era segunda-feira, dia de silêncio, e Gandhi não podia falar -, que a partir do dia seguinte o Mahatma entraria em jejum até a morte para que houvesse "união das comunidades".

O jejum foi a decisão de um homem angustiado. Incapaz de impedir a divisão da Índia, Gandhi assistira, impotente, aos massacres deflagrados pela fragmentação do país. Mesmo Délhi, que estava cheia de sikhs e hindus raivosos e de refugiados do Paquistão, dividiu-se na disputa sectária e, todos os dias, delegações de muçulmanos contavam a Gandhi como se sentiam inseguros na capital.

Outros problemas também preocupavam o Mahatma. A Índia devia ao Paquistão 550 milhões de rúpias, parte que cabia ao país das reservas

cambiais indianas em moeda estrangeira ainda não divididas. Mas, com os dois países em guerra na Caxemira, o governo indiano decidira não pagar porque, como explicou o vice-primeiro-ministro Sardar Vallabhbhai Patel, o dinheiro seria usado "para fazer balas e atirar em nós". Gandhi, entretanto, sustentava que era moralmente errado segurar o dinheiro.

Outra questão dolorosa era a corrupção crescente dos parlamentares. Gandhi recebera por aqueles dias a carta de um veterano combatente pela liberdade. Dizia que os legisladores do Congresso ganhavam dinheiro até para proteger criminosos, e concluía: "Todos estão dizendo que o governo britânico era bem melhor."

De fato, Gandhi sentia que, com a independência, o Partido do Congresso deixara de ter utilidade. Quería que o partido se dissolvesse, convertendo-se numa Lok Sevak Sangh, organização não partidária que trabalharia pela "independência social, moral e econômica" das aldeias da Índia.

O 17º e último jejum de Gandhi começou às 11h56 da manhã de 13 de janeiro. Dali a 24 horas, o gabinete indiano se reuniria a fim de reconsiderar a decisão relativa à dívida para com o Paquistão. Mas o jejum também aumentou o ressentimento dos que achavam que o Mahatma favorecia os muçulmanos. Naquela noite, um grupo de refugiados sikhs se postou

diante da Casa Birla, gritando desaforos contra ele: "Deixem Gandhi morrer! Queremos vingança. Sangue por sangue!"

Quando o primeiro-ministro Jawaharlal Nehru, que saía da Casa Birla depois de uma reunião com Gandhi, ouviu os manifestantes, pulou do carro e correu até eles. "Quem tiver coragem que repita essas palavras na minha frente", gritou. "Terão de me matar primeiro!" Os manifestantes logo se dispersaram.

No terceiro dia de jejum, o Mahatma, aos 78 anos, estava tão fraco que teve de ser conduzido ao banheiro numa cadeira. Os médicos que controlavam seu estado de saúde disseram que os rins estavam falhando.

À medida que Gandhi piorava, mais enérgicos se tornavam os esforços de convencê-lo a acabar com o jejum. Delegações de hinduístas e muçulmanos garantiam estar dispostos a promover a harmonia mútua. Enquanto isso, em todo o subcontinente, inclusive no Paquistão, o povo rezava pela segurança do Mahatma. Quebrando o protocolo, o vice-rei, Lord Mountbatten, acompanhado da



esposa, foi visitar Gandhi. Embora fraco, o Mahatma não perdeu o senso de humor: "É preciso um jejum da minha parte para levar a montanha até Maomé!"

Por fim, às 12h45 de 18 de janeiro, após uma comissão de 130 integrantes, formada de líderes de todas as comunidades, inclusive da Rashtriya

Swayamsevak Sangh (Organização Nacional de Voluntários) e da Mahasabha (Assembleia Hinduísta), prometer que a paz seria mantida, Gandhi quebrou o jejum com um copo de suco de laranja com glicose.

Naquela tarde, Nehru confessou a Gandhi que, a exemplo de outros no país, também jejuara nos últimos dois dias. Depois que Nehru se foi, Gandhi mandou-lhe um bilhete que terminava com as seguintes palavras: "Que você possa viver muitos anos e continuar a ser a *Jawahar* (joia) da Índia."

### Visitas importantes

Depois da refeição das 9h30, em 30 de janeiro, Gandhi discutiu vários assuntos com o assessor Pyarelal Nayar e tirou um breve cochilo. Seguidor da naturopatia, aplicou no próprio abdome uma compressa de lama. Acreditava que a lama absorvesse e retirasse as toxinas do corpo.

Muitos visitantes apareceram naquela tarde. O último e mais importante deles foi Sardar Vallabhbhai Patel. O vice-primeiro-ministro chegou às 16 horas, acompanhado da filha Maniben. Todos sabiam que, em muitas questões, Patel e Nehru não concordavam, e Gandhi já chegara a sugerir que um dos dois deveria pedir demissão do gabinete. Mas, como afirmou, achava agora que os dois eram indispensáveis.

Gandhi continuou conversando até

que a sobrinha-neta Abha trouxesse a refeição da noite, às 16h30. Quando o relógio começou a passar das 17 horas, momento da reunião diária de oração, Gandhi e Patel ainda estavam absorvidos na conversa. Abha, que sabia quanto o Mahatma detestava se atrasar, ficou cada vez mais inquieta, mas não ousou interromper os dois. Finalmente, desesperada, pegou o relógio de bolso de Gandhi e ergueu-o diante do rosto dele. Nem isso adiantou. Só às 5h10, quando a filha de Sardar Patel interveio, Gandhi levantou-se. Quando saía, veio um serviçal avisar que dois trabalhadores chegados de Kathiawad queriam vê-lo. "Diga que venham depois das orações", pediu Gandhi. "Vou recebê-los mais tarde se ainda estiver vivo."

### Sinal sinistro

De fato, nas últimas semanas, Gandhi se referira à morte iminente várias vezes. Tinha boas razões para isso. Dez dias antes, uma bomba explodira no momento do encontro de orações a apenas 25 metros de onde ele estava. Ninguém se feriu, mas foi por pouco. Sem que o Mahatma soubesse, aquela explosão era o sinal para que sete homens da assistência o matassem. Graças à falta de coragem, não usaram as pistolas e granadas, e fracassaram.

Só um homem foi preso. Enquanto isso, Gandhi recebia várias mensagens elogiando-lhe a serenidade. Mas, no encontro de orações do dia seguinte,

rejeitou os cumprimentos, esclarecendo que, na hora, havia pensado que a explosão vinha dos exercícios rotineiros de tiro ao alvo do Exército.

O preso sob custódia da polícia, disse Gandhi à audiência, achava que o Mahatma era inimigo do hinduísmo. "Não deveis alimentar qualquer tipo de ódio pela pessoa responsável por isto", disse à congregação.

### "Ram... Ram"

Gandhi caminhou até o local de orações, na noite de 30 de janeiro, descansando as mãos nos ombros de suas "bengalas" - as sobrinhas-netas Abha e Manu. O sol se punha atrás de Gandhi quando ele foi até o tablado coberto de pano feito à mão, de onde

conduzia as orações. A congregação se abriu para que passasse e ele agradeceu as saudações com um namastê.

De repente, um jovem robusto, de roupa cáqui, abriu caminho na direção de Gandhi. Parecia querer tocar os pés do Mahatma.

Manu lhe disse que não, pois Gandhi estava muito atrasado, e tentou segurar a mão do homem. Mas ele a afastou rudemente e, curvando-se diante de Gandhi com as mãos fechadas, disparou três tiros de pistola, um na barriga do Mahatma e dois em seu peito.

Gandhi caiu murmurando "Ram... Ram". A luz se apagou e o Mahatma Gandhi finalmente encontrou sua amiga fiel. Mas seu espírito existia ontem, existe hoje e existirá amanhã. ■

### PERVÊRSÃO DO TEMPO

Quando o advogado David Loudis chegou ao trabalho com mais de duas horas de atraso, contou ao chefe o seguinte caso: Acordara no meio da noite e, quando ia para a cozinha, tropeçou no fio de seu rádio-relógio. O mostrador começou a piscar 12:00, indicando que tinha de ser acertado. Depois de matar a sede, olhou para o micro-ondas da cozinha e viu a hora - 1:06. Voltou para o quarto, acertou o relógio e adormeceu.

De manhã, o despertador o acordou e ele fez as coisas de rotina. Só quando ligou a TV descobriu que os programas do princípio da manhã tinham acabado e já eram 10h30. Num lampejo, percebeu que 1:06 significava não a hora, mas um minuto e seis segundos do tempo de cozinhar restante depois que ele, antes da hora marcada, tirara algo do micro-ondas, na véspera.

# Mahatma Gandhi

## FATORES QUE DESTRÓEM OS SERES HUMANOS

Perguntaram a Mahatma Gandhi quais são os fatores que destroem os seres humanos.

Ele respondeu:

“A política, sem princípios;  
o prazer, sem compromisso;  
a riqueza, sem trabalho;  
a sabedoria, sem caráter;  
os negócios, sem moral;  
a ciência, sem humanidade;  
a oração, sem caridade.

A vida me ensinou que as pessoas são amigáveis, se eu sou amável;

que as pessoas são tristes, se estou triste;  
que todos me querem, se eu os quero;  
que todos são ruins, se eu os odeio;  
que há rostos sorridentes, se eu lhes sorrio;  
que há faces amargas, se eu sou amargo;  
que o mundo está feliz, se eu estou feliz;  
que as pessoas ficam com raiva quando eu estou com raiva e que as pessoas são gratas, se eu sou grato.

A vida é como um espelho: se você sorri para o espelho, ele sorri de volta. A atitude que eu tome perante a vida é a mesma que a vida vai tomar perante mim. Quem quer ser amado, ame.

O caminho para a felicidade não é reto. Existem curvas chamadas EQUÍVOCOS, existem semáforos chamados AMIGOS, luzes de cautela chamadas FAMÍLIA, e tudo se consegue se tens: um estepe chamado DECISÃO, um motor poderoso chamado AMOR, um bom seguro chamado FÉ, combustível abundante chamado PACIÊNCIA, mas acima de tudo um motorista habilidoso chamado DEUS! ”

### A descoberta do amor

Ensaia um sorriso e oferece-o a quem não teve nenhum  
Agarra um raio de sol e desprende-o onde houver noite  
Descobre uma nascente e nela limpa quem vive na lama  
Toma uma lágrima e pouso-a em quem nunca chorou  
Ganha coragem e dá-a a quem não saber lutar  
Inventa a vida e conta-a a quem nada compreende  
Enche-te de esperança e vive à sua luz  
Enriquece-te de bondade e oferece-a a quem não sabe dar  
Vive com amor e fá-lo conhecer ao mundo.



# 50º Aniversário de Formatura

## 1ª Turma de Formandos do Colégio Normal Santiaguense

E um dia foi assim... Há mais de meio século, florescia em São Tiago uma linda árvore... que mais tarde viria a ser carregada de magníficos frutos do saber. Um sonho que ganhou forma, trazendo o progresso cultural para nossa terra.

Desse modo, em dezembro de 1967, formava-se a primeira turma de normalistas que, entre festas e alegria, recebia das mãos do Mons. Francisco Elói de Oliveira o Certificado de Habilitação para o Magistério.



Portanto... Há meio século, nossa turma, a primeira turma de normalistas de nossa cidade, abraçávamos oficialmente a carreira de Professores!

A 1ª. Turma de Formandos para o Magistério, consta de: Ermínia Carvalho Caputo de Resende, Glêdes Maria Vivas, Ivone Alves Silveira, José Alves de Oliveira (in memoriam) Lucy Lara de Andrade, Maria do Carmo Caputo, Mirtes Antonia de Resende Lara, Nilza Trindade de Moraes Campos, Selma Maria Alacoque, Terezinha Santos e Vânia Laura Santiago da Mata.

Para ilustrar, resolvemos brindar os 50 anos de nossa formatura, homenagem que se realizou-se no dia 10 de fevereiro de 2018, desenvolvendo a seguinte programação: uma confraternização durante o dia, na Petiscaria & Bar FUNDO DE QUINTAL, com um almoço, troca de flores, de mensagens, abraços e cortêsias... Muita receptividade... música e muitas recordações através de boas conversas.



À noite, uma missa na Igreja Matriz, celebrada pelo Pároco Pe. Sebastião Corrêa Neto, que contou com a presença de seus auxiliares do altar, dos homenageados e familiares... e, como de costume, a participação de fiéis da Comunidade.



# No final da Santa Missa, entre aplausos, cumprimentos e emoções, procedeu-se a leitura do poema:

## COMPARTILHANDO LEMBRANÇAS

Era o Ginásio Santiaguense  
Que com o Curso de Formação  
Tornou-se Escola de II Grau  
Cinquenta anos!  
Formatura... Primeira turma!  
Memorável se fez então  
Colégio Normal Santiaguense!

Educandário constante nos anais  
Da história de São Tiago  
À frente do grande guerreiro  
Mons. Francisco Elói de Oliveira!  
Uma porta aberta aos valores  
Para a formação de Professores  
E outros tantos profissionais!

Compromisso à tarde todo dia:  
Às seis horas: Ave Maria!  
Tocava o sino no saguão  
Todos chamados à oração  
Do Santo Anjo do Senhor!  
Com a participação de todos  
E dirigida pelo Monsenhor!

Uma grande fila de dois a dois  
Logo depois...  
À entrada para a sala de aula  
Corro à janela a ver  
As cortinas do tédio anoitecer!  
E da janela a paisagem avistar  
Mariposas vesperais e acordes no ar!

Em seguida cada qual a retomar  
Para as aulas convencionais  
O seu lugar  
Já no Salão o palco e camarim  
Dava-se a entrega do boletim  
Instante Cívico: recitativos e tal  
Saudação à Bandeira, Hino Nacional

Aqui pois nesta Santa Eucaristia  
Vimos nossa vida ofertar  
Nossas oferendas com alegria  
Colocamos aos pés do altar!  
E aos alunos a nós confiados  
Com carinho e gratidão  
Nossa missão de ensinar!!

*São Tiago, 10 de fevereiro de 2018  
Nilza Trindade de Moraes Campos*



50  
anos

## QUADRO DE ROSÁRIA FARIA ACERVO DA FAZENDA SERRA DA BANDEIRA SÃO TIAGO - MG

Este quadro foi pintado por Rosária Maria Faria Thomé da Silva e integra a decoração das paredes da sede da Fazenda Serra da Bandeira, na zona rural do município mineiro de São Tiago. A autora, que tem a pintura por "hobby", registrou aqui a visão das fachadas da antiga Casa da Câmara de São João del-Rei, de um passinho e da Igreja de Nossa Senhora das Mercês. As árvores que aparecem estão no jardim da Praça Barão de Itambé (no século XIX o casarão pertenceu ao referido Barão), defronte ao Hospital das Mercês.

*Fotografia de José Antônio de Ávila Sacramento,  
em 10 de abril de 2011.*



*Retirado de [www.patriamineira.com.br](http://www.patriamineira.com.br)*

## BICA D'ÁGUA NA FAZENDA SERRA DA BANDEIRA SÃO TIAGO - MG



*Retirado de [www.patriamineira.com.br](http://www.patriamineira.com.br)*

Na zona rural da cidade mineira de São Tiago, na fazenda Serra da Bandeira (de Ulisses Alves de Faria e Edite de Oliveira Faria, ora sob os cuidados do casal Ronaldo Simas Thomé da Silva & Rosária Maria Faria Thomé da Silva), esta bica d'água ainda resiste às inovações hidráulicas! A fonte é amostra de um tempo em que não havia água encanada para dentro das fazendas, e, assim, a água potável era levada até bem perto das casas por meio de regos, aproveitando-se da força da gravidade. São Tiago é município bastante conhecido por meio da edição da "Festa do Café-Com-Biscoito" que traz muitas cores, cheiros e sabores à cidade, além de movimentar-lhe a economia durante todo o ano. O evento acontece anualmente, no final da segunda semana de setembro. Antigamente a localidade era importante ponto de parada de descanso e de abastecimento para os tropeiros e viajantes que rumavam para os sertões de Goiás. Aqueles aventureiros, seguindo a tradição mineira, eram muito bem recepcionados: a eles (e aos seus animais) eram oferecidas oportunidades de descanso, além de alimentação e, decerto, oportunidades para travarem boas prosas, enquanto esperavam por fornadas de biscoitos; essa tradição hospitaleira valeu à localidade o título de "Parada do Café-Com-Biscoito"! Em São Tiago há alambiques que fabricam boas cachaças, a exemplo da "Botiqueira", uma das mais apreciadas da região

*(fotografia de José Antônio de Ávila Sacramento,  
em 10 de abril de 2011).*

## A PEDRA DA CARAPUÇA SÃO TIAGO - MG



EMERSON SILVA